

O medo de recomeçar: diálogo sobre a ação pastoral entre J.L. Segundo e Medellín

Júlio César da Costa Santa Bárbara *

Resumo: *No início da década de 70, ainda no frescor de Medellín, Juan Luis Segundo, em seu livro Ação pastoral Latino Americana: seus motivos ocultos, indica que a pastoral deste continente tem dificuldade de começar de novo, pois ainda julga como inevitável uma ação pastoral de conservação e continuação. O objetivo desta comunicação é estabelecer uma relação entre o que postula J. L. Segundo, sobretudo na obra acima indicada, e a Conferência de Medellín. Desejamos responder, a título de introdução, se e como ele dialoga com Medellín, nas suas assertivas sobre a realidade da pastoral latino-americana.*

Palavras-chave: *Medellín; Juan Luis Segundo; Ação pastoral; Recomeço; Conservação.*

INTRODUÇÃO

Teve lugar, no período de 26 de agosto a 07 de setembro de 1968, em Medellín, na Colômbia, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. A História da Igreja já registra que Medellín foi o maior evento eclesial do século XX, no que se refere à América Latina. No dizer de Dom Pedro Casaldáliga, Medellín “é o nosso Pentecostes!”

No início da década de 70, ainda no frescor de Medellín, Juan Luis Segundo, em seu livro *Ação Pastoral Latino Americana: seus motivos ocultos*, indica que a pastoral deste continente tem dificuldade de começar de novo, pois ainda julga como inevitável uma ação pastoral de conservação e continuação.

O objetivo deste artigo é estabelecer uma relação entre o que postula J. L. Segundo, sobretudo nesta obra, e a Conferência de Medellín, especificamente na parte “Evangelificação e crescimento na fé”. Desejamos, para tanto, fazer uma contextualização de Medellín e J. L. Segundo. Em seguida, abordaremos a relação de Segundo com Medellín. Logo após, trataremos do tema “Pastoral Popular” no Documento de Medellín e da obra de J. L. Segundo sobre a ação pastoral no continente latino-americano. E concluiremos com algumas considerações, destacando aspectos comuns a Medellín e a J. L. Segundo.

* Doutorando FAJE, Bolsista CAPES.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE MEDELLÍN E J. L. SEGUNDO

1.1 CONTEXTUALIZANDO MEDELLÍN

O ano de 1968, quando se dá a Conferência, foi bastante expressivo pelas diversas situações de subdesenvolvimento dos países da América Latina. Além disso, as ditaduras militares recrudesceram em várias nações, enquanto que os jovens gritavam por mais liberdade na Europa.

A Conferência de Medellín foi aberta pelo Papa Paulo VI, na cidade de Bogotá, Colômbia, em 24 de agosto. Aquela ocasião foi marcada também pelo 39º Congresso Eucarístico Internacional.

A delegação brasileira totalizava 39 participantes, a saber: membros eleitos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), membros da direção do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), como o seu presidente, Dom Avelar Brandão Vilela, então arcebispo de Teresina, peritos nomeados, integrantes convidados por Roma, observadores de diversas denominações evangélicas (BEOZZO, 2017, p. 9).

Entre os ilustres participantes de Medellín, encontramos Dom Helder Câmara, que nos legou diversos relatos sobre a II Conferência Latino Americana. Com otimismo e destemor, ele assumiu que os 16 Documentos de Medellín precisavam ter a mesma valoração e normatividade que os documentos conciliares, até mesmo por conta da “oficialidade eclesial” desta Conferência (BEOZZO, 2017, p. 11).

Ainda de acordo com Dom Helder, haviam fatores que ameaçavam, perigosamente os rumos da Conferência de Medellín. Entre os fatores desfavoráveis, destacam-se: as alocações do Papa Paulo VI, que mais freavam do que abriam; o documento de trabalho “preparado com extremo cuidado”; críticas de episcopados de diversos países; o fato de que dois dos três legados papais eram claramente conservadores e “prudentes” (BEOZZO, 2017, p. 11).

Favoravelmente, no que se refere à realização da Conferência, sublinha-se: a interpretação positiva das alocações do Papa Paulo VI, por Dom Avelar Vilela; distribuição estratégica de bispos e peritos pelos vários grupos de trabalho; o método de trabalho do CELAM, a exemplo do Concílio Vaticano II, que passa pela produção de grandes textos, que darão base para o trabalho “urgente e importante” na América Latina.

Sobre os fatores relevantes de Medellín, de acordo com Dom Helder, recolhidos por José Beozzo, em seu artigo sobre os 50 anos desta Conferência, ele destaca: “Entre os fatores positivos, guardei o maior, o invisível: o Espírito Santo era quase tangível; os anjos eram quase visíveis! Apelara tanto para a Rainha dos Anjos! Te Deum! Magnificat!” (BEOZZO, 2017, p.12)

1.2 CONTEXTUALIZANDO J. L. SEGUNDO

Juan Luis Segundo, teólogo jesuíta uruguaio, esteve sempre preocupado em fazer uma teologia séria, profunda e contextualizada. As condições étnicas e culturais do Uruguai influenciaram bastante a sua teologia. Diferente de outros países da América Latina, o Uruguai não apresentava uma religiosidade marcante por conta das influências do laicismo francês (MURAD, 1994, p. 155).

J. L. Segundo, com um olhar atento à sua realidade, discute e escreve para cristãos e não cristãos de classe média. Eis as suas principais obras: *Coleção Teologia aberta para o leigo* (1968-1972), *Da sociedade à teologia* (1970), *Ação Pastoral Latino Americana, seus motivos ocultos* (1972), *Libertação da teologia* (1975), *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré* (3 volumes, 1982), *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré* (1988), *O dogma que liberta* (1989) e *Que mundo? Que homem? Que Deus?* (1993).

O teólogo uruguaio dá um enfoque, a partir do seu interesse e perspectivas, ao seu fazer teológico, marcado por diversas características. A primeira delas é, certamente, a construção de uma teologia em diálogo. J. L. Segundo mostra seu desejo de fazer uma teologia que ajude no processo de maturidade cristã. Ele quer que os cristãos cheguem à adulez humana e religiosa. Na expressão do teólogo Afonso Murad, J. L. Segundo, no seu teologizar, é criativo na pedagogia e no conteúdo:

Trata-se de uma proposta muito séria, a qual poucos teólogos se aventuram. Pode-se tomar o caminho já consumado para fazer discurso teológico: partir dos dados da Escritura, seguir as informações do Magistério no decorrer da história, acrescentar a posição dos teólogos contemporâneos, e a própria do teólogo, sem com isso produzir uma teologia que seja significativa e que ajude o cristão a “dar as razões de sua esperança” (MURAD, 1994, p. 158).

Por isso, ele possui uma obra didática, dialogal e pedagógica. É uma teologia dinâmica, que se coloca em busca, que brota da especulação e da Encarnação, levando sempre a sério “as questões existenciais de seus interlocutores”. Desse modo, a sua teologia assume, mais que escolar, uma dimensão dialogante. A teologia de J. L. Segundo caminha na direção da maturidade cristã, no seu objetivo, no seu conteúdo e no seu método. Ele articula racionalidade e fé numa perspectiva ética. Isto permite que o teólogo relacione fé cristã e processo de humanização, fazendo com que ele se pergunte: “A revelação responde às pessoas que estão lutando para construir uma sociedade mais humana e mais justa?” (MURAD, 1994, p.158).

1.3 J. L. SEGUNDO, TEÓLOGO DE MEDELLÍN

J. L. Segundo, pouco tempo depois da II Conferência, refletindo sobre a sua relevância, afirma que o Documento de Medellín se tornou referência obrigatória para todos os católicos latino-americanos em razão não simplesmente da sua autoridade, mas por conta da sua clareza, coerência e proximidade (SEGUNDO, 1977, p. 17).

O Documento de Medellín, certamente, chocou a muitos dentro da Igreja por conta das suas temáticas, interesse e vocabulário. Este choque se verifica também, de acordo com Segundo, naqueles “que se valiam da Igreja”, quem sabe para legitimar os seus próprios interesses e projetos.

Os participantes da Conferência de Medellín, já na mensagem aos povos da América Latina, assinalam a relação entre a história do continente com a história da salvação, por meio da interpretação dos sinais dos tempos, que revelam a ação de Deus e seu “plano divino”, através do Cristo Redentor.

J. L. Segundo se questionou se em Medellín há realmente um interesse por Deus. Dessa maneira, ele pergunta: Não seria uma demagogia ou deslize? Não seria uma opção por temas mais fáceis, atuais, menos transcendentais e menos eternos? Não seria ainda excessiva a preocupação desta Assembleia pelo ser humano?

O Documento de Medellín responde a estas inquietações, dizendo que ao optar pelo ser humano, não se desvia de Deus, ou do “tema de Deus”, mas volta-se para o ser humano latino-americano em um momento delicado de sua história, consciente de que “conhecer Deus é necessário para conhecer o homem” (MEDELLÍN, 1968). Ou ainda que é preciso conhecer o mistério do ser humano à luz da Palavra de Deus por excelência, que é Cristo (GS 22). Assim, J. L. Segundo conclui que “o princípio de encontrar Deus no homem constitui um clima que ambienta toda a documentação de Medellín” (SEGUNDO, 1977, p. 18).

Os bispos, em Medellín, assumiram a experiência e as situações históricas, especialmente do Continente latino-americano, como “outro lugar teológico”. Consequentemente, fazer a experiência de epifania de Deus neste contexto provoca um compromisso libertador e humanizador, “acesso apropriado a Deus” diante das “situações de pecado” do continente.

Nota-se que o pecado sai da esfera individual (e individualista) e assume mais um caráter histórico e social. Pecado passa a ser entendido como “rejeição de Deus e até da negação idolátrica de Deus”. Desse modo, Medellín recomenda conversão (também conversão comunitária) frente às situações de injustiça, de pecado estrutural (violência institucionalizada) que violam os direitos fundamentais do ser humano na América Latina.

Em outras palavras, neste compromisso histórico encontramos o autêntico rosto de Deus. E este encontro com Deus na missão histórica do homem latino-americano é o clima que ambienta os Documentos de

Medellín e o que justifica que tenham sido centrados no homem (SEGUNDO, 1977, p. 19).

Nas primeiras linhas do Documento de Medellín, mais que uma opção metodológica da Igreja, encontra-se uma decisão antropológica de colocar no centro de sua atenção o ser humano concreto do continente. Por isso, os bispos vão dizer da própria Igreja: “Não se acha desviada, mas voltou-se para o homem, consciente de que para conhecer Deus é necessário conhecer o homem”.

Nesta orientação teológico-antropológica, descobre-se um dinamismo (vestígio divino) presente no ser humano, que o impulsiona para a transformação da América Latina. Para tanto, categorias antropológicas, como pecado, vistas mais em âmbito pessoal, assumem uma abrangência mais comunitária, de modo que hoje interessa não apenas “o meu pecado”, mas os “nossos pecados” institucionalizados. A graça alimenta este dinamismo de transformação, de esforço humano, para que se tome e se consolide o caminho de personalização, de fraternidade, de superação das injustiças, por meio de uma constante “metanóia”, conversão pessoal e comunitária.

2. MEDELLÍN, EVANGELIZAÇÃO E CRESCIMENTO NA FÉ

O Documento de Medellín, especificamente na parte “Evangelificação e crescimento na fé”, destaca quatro realidades: Pastoral popular, Pastoral das elites, catequese e Liturgia (MEDELLÍN, 2010, p. 109-140). Nestas quatro abordagens, o Documento utiliza a mesma estrutura: enumera algumas situações concretas vividas no continente, estabelece e/ou recorda princípios teológicos e faz recomendações pastorais. Dentre as quatro abordagens do Documento, escolhemos a realidade da “Pastoral Popular” para uma maior explicitação, sublinhando como relevante o que a Conferência colocou sobre o tema escolhido. Ademais, muitas destas afirmações mereceram a preocupação e a acurada apreciação teológica de J. L. Segundo.

2.1 MEDELLÍN E A PASTORAL POPULAR

Situação

Existe, na América Latina, uma grande massa de batizados com diversas condições de fé, crenças e práticas cristãs; grupos étnicos semi-pagãos; massas camponesas com consistente religiosidade e massas de marginalizados com sentimentos religiosos com pouca ou quase nenhuma prática cristã (MEDELLÍN, 2010, p. 109).

Há fatores que dificultam, de acordo com a análise de Medellín, a evangelização, tais como: explosão demográfica, migrações internas, mudanças socioculturais, escassez de missionários e deficitária adaptação das estruturas eclesiais.

Até agora a Igreja contou principalmente com uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase numa prévia evangelização. Pastoral apta, sem dúvida, para uma época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas, em que os métodos de comunicação dos valores (família, escola etc.) estavam impregnados de valores cristãos e onde a fé se transmitia quase pela força da tradição (MEDELLÍN, 2010, p. 109).

A pastoral latino-americana necessita de revisão, provocada pelas transformações culturais e religiosas no próprio Continente, como também pela sua diversidade cultural. Acrescente-se a isso uma arraigada religiosidade popular e a recepção tradicional dos sacramentos “que tem mais consequências sociais que um verdadeiro influxo no exercício da vida cristã” (MEDELLÍN, 2010, p. 110).

Os bispos observaram que há virtudes cristãs autênticas nas expressões da religiosidade popular. Ainda que a conduta moral seja deficiente, a participação pequena e superficial na liturgia mais oficial e seja fraca a adesão à estrutura da Igreja, muitos vivem o mandamento do amor.

A fé da religiosidade popular entra em confronto e em crise com a evolução do conhecimento científico, que vai se distanciando de uma concepção de que Deus responde a todos os mistérios (dilemas) e necessidades do ser humano. O Documento acentua que isto põe um desafio grande para a Igreja: ou permanece “Igreja universal” ou transforma-se em “seita”. Como Igreja, a mensagem de salvação precisa chegar a todos os povos; como seita, deve assumir os riscos decorrentes, como a variação de fé.

Outro elemento que precisa ser considerado é que a sociedade contemporânea, ora tende para as manifestações grupais, ora tende para as pequenas comunidades, pois nestes casos identificam mais possibilidade de realização pessoal. Além disso, é preciso assumir com positividade os diversos modos e níveis de aceitação da mensagem cristã. Assim, Medellín integra a religiosidade popular ao projeto de evangelização da Igreja, ao afirmar que “o povo precisa manifestar sua fé de uma forma simples, emocional, coletiva”. Os bispos entendem que a religiosidade popular deve ser vista a partir do seu significado para os grupos rurais e urbanos marginalizados.

Os riscos não deixam de ser considerados, pois a religiosidade expressa a fé de modo “misturado” com grande força na tradição. Muitas vezes, a religiosidade popular incorre em práticas mágicas e supersticiosas, dando ao divino um caráter utilitarista. Ainda assim a Conferência reconhece nisto um “balbucio” de uma autêntica religiosidade, expressa com os elementos culturais de que dispõe.

O fenômeno religioso indica que há várias motivações mistas, que podem ser marcadas ou influenciadas por desejo de segurança, contingência e, ao mesmo tempo,

necessidade autêntica de adoração e gratidão a Deus. Reconhece-se, com isso, que a fé vem acompanhada de uma linguagem cultural e na própria expressão natural do religioso pode haver sinais do chamado divino. Conseqüentemente, “isto reclama da Igreja adaptação da sua mensagem, isto é, modos diferentes de expressão na apresentação da mesma mensagem. E exige de cada homem, na medida do possível, uma aceitação mais pessoal e comunitária da mensagem da revelação” (MEDELLÍN, 2010, p. 111-112).

2.2 PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS

1. A fé e a Igreja podem se encontrar e crescer na diversidade cultural dos povos. Diante disso, coloca-se como tarefa evangelizadora da Igreja descobrir a presença secreta de Deus, por meio das sementes do Verbo. Este princípio faz com que a Igreja assuma também como “preparação evangélica” (LG 16) diversos elementos religiosos e humanos que integram a religiosidade popular (MEDELLÍN, 2010, p. 112).

2. A adesão das pessoas à fé e a participação na comunidade eclesial são de múltiplas formas, mesmo que não se comprove a existência da fé frente a certas expressões religiosas. Também não se pode negar tal adesão e participação, ainda que tenha presente elementos espúrios ou motivações temporais e egoístas. A fé terá motivações mistas e mesclas de imperfeições, porque a fé é sempre ato de uma comunidade peregrina no tempo.

3. A fé, mesmo fragilizada e incipiente, tende sempre para um dinamismo e exigência de superação de motivações inautênticas, por força do Espírito Santo, a fim de que se transforme “em ato de doação e entrega absoluta de si” (MEDELLÍN, 2010, p. 113).

4. A Igreja latino-americana, conseqüentemente, mais que tranquilizar-se, mais que conservar a fé do povo, deseja seguir uma linha de pedagogia pastoral:

a) Assegurar uma séria reevangelização das diversas áreas humanas do Continente.

b) Promover uma constante reconversão e uma educação do povo na fé (em nível mais profundo e maduro, em âmbito pessoal e comunitário).

5. Os seres humanos devem santificar-se e salvar-se, constituindo-se comunidade de fé, convocada pela Palavra de Deus e edificada pela Eucaristia, e não apenas individualmente.

2.3 RECOMENDAÇÕES PASTORAIS

1. Realizar estudos sérios e sistemáticos sobre a religiosidade popular.

2. Estudar e realizar uma pastoral litúrgica e catequética adequadas à totalidade do Povo de Deus, tendo em vista as suas subculturas, exigências e aspirações.

3. Impregnar as manifestações populares da Palavra de Deus (romarias, peregrinações, devoções diversas etc.).

4. Rever a devoção de santos para que não sejam vistos como intercessores apenas, mas como modelos de vida e imitadores de Cristo.

5. Que as devoções e certas concepções de sacramento não levem o ser humano para uma aceitação semifatalista da própria vida, mas se coloque como co-criador e administrador com Deus de seu destino.

6. Criar comunidades eclesiais nas paróquias, sobretudo, nas zonas rurais e locais urbanos afastados e marginalizados, baseados na Palavra de Deus, na celebração da Eucaristia (quando possível) e em comunhão com o bispo.

7. Instituir o diaconato permanente para a formação de novas comunidades e convidar para uma participação mais ativa religiosos e religiosas, catequistas e apóstolos leigos.

8. A pastoral das massas deve colocar “exigências” para conseguir personalização e vida comunitária, respeitando as etapas do caminho para Deus (MEDELLÍN, 2010, p. 115).

3. J. L. SEGUNDO E A AÇÃO PASTORAL NO CONTINENTE

A Igreja latino-americana é uma Igreja jovem no que se refere à evangelização. Na sua jovialidade, esta Igreja analisa a realidade, condena certos aspectos e compromete-se com a sua transformação. E mais: a tarefa de transformar a realidade não é tida como tarefa acessória, mas é assumida em nome da tarefa essencial, que é a salvação, libertação das escravidões que pesam sobre o ser humano neste Continente (SEGUNDO, 1978, p. 5).

Esta Igreja também se apresenta exausta e envelhecida. J. L. Segundo vê sinais disto nos seguintes elementos: número insuficiente de missionários, não tem sacerdotes e não se tem auto-sustentação. Assim, o teólogo uruguaio se pergunta: “O que é que impede a pastoral latino-americana de começar de novo, desde o início?” Por que tal possibilidade é silenciada? Por que a conservação e continuação se impõem sempre como necessidade desesperada e inevitável? (SEGUNDO, 1978, p. 6)

J. L. Segundo reconhece que a pastoral não muda no ritmo das mudanças sociais. Com isso insistimos numa pastoral sem eficácia, pois a sociedade pressuposta pelos métodos pastorais já não existe mais. Entre tantos fatores aceleradores, temos: passagem do rural para o urbano em massa, desenraizamentos, cultura não mais recebida por tradição, insegurança social, fenômenos religiosos com menos participação pessoal e comprometida etc.

Há uma necessidade de mudança pastoral que leve em conta as mudanças culturais ocorridas na América Latina, como também acentuou o Documento de Medellín. Nota-se um descompasso entre a mudança pastoral e a cultural.

As insuficiências dos métodos pastorais podem ser evidentes, mesmo lá onde a imensa maioria da população continua proclamando-se cristã e até participando do culto católico (SEGUNDO, 1978, p. 28).

Vive-se um desenraizamento cultural generalizado, por conta dos meios de comunicação. A transmissão da vida cristã pela tradição e pelas forças dos “ambientes fechados” se enfraquece, gradativamente. Isto afeta a estabilidade dos valores, fazendo com que a Igreja necessite ainda mais agora da convicção pessoal de fé dos cristãos.

O cristianismo provocava a vivência dos valores. Atualmente, a sociedade de consumo, que relativiza certos valores, cria o grande “valor” do “individual”, do “consumo de bens”, reduzindo a fé para a esfera do privado, sem uma incidência profética e libertadora na sociedade. Consequentemente, a Igreja começa a aceitar motivações egoístas mescladas à fé com mais facilidade. Para J. L. Segundo este caminho conduz para um cristianismo fácil e atraente, criando ou mantendo maiorias de consumo artificialmente ligadas ao religioso. Além disso, este mecanismo pastoral incentiva certas alianças para conservar estas maiorias cristãs com perda crescente de sua significação comunitária e social.

A pastoral de conservação ou continuidade não se constitui um “círculo vicioso”, marcado pela fatalidade, mas se traduz por “opções difíceis”. Assim, opta-se pela adesão insegura e não pela convicção pessoal; pela proteção e não por um cristianismo exigente; pelas alianças e não pela significação comunitária da fé cristã.

Mesmo dando-se conta de que as constantes alianças na Igreja latino-americana trabalhavam, sobremaneira, para uma pastoral de proteção massiva, diferente das exigências dos tempos atuais, que pedem uma pastoral de convicção pessoal, J. L. Segundo identifica alguns sinais de “aggiornamento”. Ele afirma que este clima de mudança não veio pela *Gaudium et Spes*, nem pelo Concílio Vaticano II, efetivamente, mas pela Conferência de Medellín.

O espírito de Medellín se orienta em direção a uma pastoral de convicção pessoal e de compromisso heroico e comunitário com a libertação da sociedade da América latina (SEGUNDO, 1978, p. 47).

Passados alguns anos – identifica o teólogo – houve um retrocesso à realidade anterior ou o arrefecimento da radicalidade das afirmações de Medellín. E a razão profunda deste estancamento é que o “círculo vicioso” se fortaleceu e apenas se verifica melhorias isoladas, sem mudança mais radical. Na verdade, “pastoral de convicção pessoal” exige coerência. Como falar de tal pastoral sem leigos adultos refletindo a sua fé? Como conciliar pastoral de convicção com instruções passivas, sem conexão de existência e fé? Como manter tal propósito com o despreparo e falta de tempo dos sacerdotes? (SEGUNDO, 1978, p. 50).

O círculo vicioso fechado esconde uma opção pastoral, muitas vezes, com aparência de fatalidade, gerando imobilismo na própria pastoral e estrutura da Igreja.

Desse modo, J. L. Segundo aponta para passos difíceis, mas necessários para superação deste gigantesco desafio pastoral para a América Latina: é preciso passar de uma pastoral de pressão para uma pastoral feita na liberdade, tendo em vista que os interlocutores são livres; passar de uma pastoral majoritária, com um mínimo de exigências (com intuito de conservar o máximo de cristãos) para uma pastoral de minoria e é preciso passar de uma pastoral de alianças para a pastoral do poder do Evangelho (SEGUNDO, 1978, p. 61).

J. L. Segundo vai mais adiante quando afirma que muitos defendem que o “círculo vicioso” não é uma opção e que é preciso uma opção radical diferente para quebrá-lo. Há, na sua análise, uma “conspiração de silêncio”. Podem existir até razões muito sólidas e respeitáveis para manter tal mecanismo pastoral. O fato é que a Pastoral latino-americana esconde um tríplice medo: medo por nós mesmos (insegurança para enfrentar os novos desafios e interlocutores); medo do destino das massas (medo de uma maioria desprotegida) e medo pelo Evangelho (não se tem fé na força do Evangelho e nem isso é assumido abertamente). Estas são as razões de tal ocultamento na estrutura pastoral da Igreja (SEGUNDO, 1978, p.74). Por isso, não começar de novo, na maioria das vezes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

J. L. Segundo é um entusiasta da Conferência de Medellín, bem como um teólogo de rigor científico, contribuindo assim para uma maior compreensão dos desafios pastorais da América Latina. Ele julga com preocupação certo retrocesso nas opções pastorais de Medellín.

O Documento de Medellín, no que se refere à Pastoral popular, mostra que a Igreja da América Latina identificou também os desafios apontados por J. L. Segundo, em seu livro sobre a ação pastoral do continente latino-americano. Como algo característico de documentos eclesiais, nota-se, pela abordagem mais explicitada da “Pastoral popular”, neste presente texto, como uma das expressões para as quais os bispos requeriam maior empenho de renovação, que há também oscilações, talvez seja o esforço gigantesco de unir posições contrárias nestas importantes assembleias.

Medellín vê positivamente a realidade da religiosidade popular, com indicações de esforço de acolhida e recomendações, que fortalecem a dimensão comunitária da fé. O perigo será de confundir uma acolhida pedagógica, sincera e necessária com uma concepção fatalista da pastoral e da realidade estrutural da Igreja, caindo no “círculo vicioso” e na “conspiração de silêncio”, apontados e desenvolvidos por J. L. Segundo.

Faz-se necessário ainda, neste momento, reconhecer que J. L. Segundo estabeleceu um profícuo diálogo com a Conferência de Medellín, entre outras coisas, assumindo a necessidade de superar uma “pastoral de conservação” e de optar, decididamente, por uma “pastoral de convicção pessoal”. O teólogo uruguaio bebe das fontes de Medellín e debruça-se nesta mesma fonte, provocando-nos para os reais motivos dos nossos maiores desafios pastorais e ocultamento de certas motivações, que criam uma morosidade nas nossas ações pastorais e nos deixam a impressão de que não estamos evangelizando com

a radicalidade do Evangelho e não estamos respondendo à altura os desafios provocados pelas mudanças culturais, nas quais encontramos “os sinais dos tempos”.

REFERÊNCIA

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: Trinta anos depois, Medellín ainda é atual?* 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

JÚNIOR, Francisco de Aquino; GODOY, Manoel (Org.). *50 anos de Medellín. Revisitando os textos, retomando o caminho*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MURAD, Afonso. A “teologia inquieta” de Juan Luis Segundo. In: *Perspectiva teológica* 26 (1994).

SEGUNDO, Juan Luis. *Ação Pastoral Latino Americana, seus motivos ocultos*. São Paulo: Loyola, 1978.

_____. *Teologia aberta para o leigo adulto. A nossa ideia de Deus*. Volume 3. São Paulo: Loyola, 1977.